

I N T R O D U Ç Ã O

Após ter aceitado proferir nesta instância uma comunicação relacionada com a música, comunicação essa que intitulei "O peso da música na cultura cabo-verdiana", confesso que passei por momentos de alguma perplexidade, onde o elemento dominante foi a nítida percepção de que, apresentando um tema como esse, numa instância como esta, incorreria em notórias limitações e até na algumas imprecisões.

Procurei no entanto auto-tranquilizar-me e realizar de facto o trabalho na certeza de que, movendo-nos num terreno onde ex plicação puxa explicação e onde a última palavra está bem longe de ser proferida, as minhas reflexões serão enriquecidas e completadas pelas entidades e sumidades que ornarn a presente instân cia do Simpósio Internacional sobre Cultura e Literatura Cabo - -Verdiana e garantem a essa tribuna um grande quilate de autoridade e competência.

Eu não poderia deixar de felicitar a grande ideia que foi a realização deste Simpósio Internacional, felicitar os seus mentores, saudar todos os participantes e, de modo mais afectuoso, os Coriféus aqui presentes do Movimento Claridoso, a quem o todo da Nação Cabo-Verdiana tributa, justa e reconhecidamente, o prei to de homenagem pela "proclamação da independência literária de Cabo Verde" (1).

Torna-se lícito esperar que este Simpósio, pela pertinência e profundidade dos argumentos que o ocupam, constitua um precioso marco para o futuro da Cultura e da Literatura Cabo-Verdianas. É nesta óptica que elevo a minha voz para proferir os votos de um profícuo trabalho.

Por razão metodológica, o presente trabalho constará de duas partes: a primeira versando sobre a análise do peso da música na cultura cabo-verdiana, a segunda tecendo considerações numa perspectiva futurista e prospectiva.

(1) ARISTIDES PEREIRA, na mensagem aos homens de letra e artistas, por ocasião dos cumprimentos do Ano Novo, em Janeiro de 1986.

O PESO DA MÚSICA NA CULTURA CABO-VERDIANA

1 - Em qualquer civilização e em qualquer cultura, a música constitui uma presença permanente que, em forma pura ou enlaçada com a poesia oral, escrita, popular ou erudita, constitui e esta^{belece} um referencial de primeira grandeza para o estudo, compre^{ensão} e caracterização dessa civilização ou cultura. Em toda a parte e talvez com argumentos antropológicos mais agudizados em ambientes ilhéus, torna-se a música uma vivência, diria, omnidis^{ciplinar} e por conseguinte fonte obrigatória de consulta disciplinar tanto para pesquisadores de cultura como para especialistas nas várias disciplinas em que, pelo espectro cultural, se poderá decompor a existência humana nos quadrantes do seu posicionamento histórico e social. Deverá ser apodíctico afirmar-se que uma civilização sem a componente da música, a poder conceber-se, pareceria mais com um cemitério deserdado do que com uma realidade viva. Consoante a sua índole, o seu temperamento e o seu carácter, cada povo concretiza na sua vida a linguagem da música.

Linguagem universal por excelência, a música é um dos veículos privilegiados tanto da caracterização de cada povo como da compreensão entre os povos, pois que por ela cada povo pode exprimir o seu génio, inclusive nas mais secretas cambiantes, ao mesmo tempo que se habilita a compreender o génio dos outros.

Se todas as sociedades possuem a sua própria música - reveladora e exteriorizadora dos mais profundos arplexos desses agrupamentos humanos, exprimindo os mais íntimos frémitos, o élan criador, as sensibilidades e os talentos individuais mais diversos - subsiste em toda a música um fundo de poesia (2).

Associada ao canto e à dança, ligada ao domínio de instrumentos musicais específicos, a música acompanha em todas as sociedades os grandes momentos da vida individual e colectiva: momentos de lazer e vida social, ritos religiosos, trabalho productivo.

Traduzindo, sob formas por vezes extremamente variadas, as relações subtis de um povo com o profano e com o sagrado, consigo mesmo, com os outros e com a natureza, a música surge como uma das mais fiéis expressões de cultura de uma comunidade e como que uma das vias de acesso às mais profundas ressonâncias, singularmente

(2) AMADOU-MAHTAR M'BOW, Director-Geral da UNESCO, na sua alocução por ocasião do Festival Internacional da Música e da Juventude, tida em Marrakech, de 4 a 13 de Julho de 1986.

capacitada para tocar todas as sensibilidades e tornar-se perceptível a todos, porque ela se dirige à inteligência do coração (3).

1 música tem ainda o condão de poder constituir um dos mais seguros traços de união entre as culturas do mundo inteiro, entre as épocas mais diversas da história universal e de cada povo.

Hoje torna-se possível, ainda que por vezes parcialmente, compreender as numerosas expressões musicais transmitidas de geração em geração até nós, poder situá-las umas em relação com as outras, poder apreciar cada uma delas em si mesma e sobretudo compreender que tais expressões musicais constituem, em conjunto, um sublime resumo da criatividade humana, onde cada povo investiu o melhor de si mesmo e onde, na perspectiva do futuro, cada povo pode haurir fontes de inspiração sem limites.

2 - E o povo ilhéu de Cabo Verde não poderia furtar-se a essas considerações de carácter geral mas suficientemente verossímeis para poderem ser mantidos como princípios.

O cabo-verdiano jamais terá vivido sem a música, no mais curto segmento que seja da sua história. Privar o cabo-verdiano da música equivaleria a castrá-lo irremediavelmente e a fazer esvair um dos mais poderosos e eloquentes indicadores da sua cultura. Positivamente, o peso da música na cultura cabo-verdiana é por demais evidente, carecendo todavia de ser trazido ao nível do consciente e do reflexivo. É o que vou tentar fazer, com todas as limitações que eu conscientemente assumo, na perspectiva de pelo menos poder situar o enfoque histórico-cultural da questão.

3 - Convenhamos que nesta abordagem música e poesia são naturalmente enlaçadas para a expressão da realidade total e integradora, encerrando portanto seja o fenómeno sonoro em si mesmo, seja o conteúdo humano e pluri-disciplinar veiculado pela poesia. A expressão torna-se obviamente totalizante.

4 - Da confluência dos dois elementos significativos, o africano e o europeu, surgira o cabo-verdiano, produto genético original, nem africano nem europeu, mas simplesmente cabo-verdiano. Naturalmente, esse produto original será portador ou comungará de raízes ancestrais da herança africana e europeia por um lado, como seguirá o seu próprio périplo por outro lado.

(3) AKABOU-BAJEPAR N'BOU, ibidem.

5 - Difícil se torna aceitar que os escravos, arrancados do Continente, não trouxessem consigo cânticos, em melopeias e melodias, veiculando suas tradições, usos e costumes. A nova condição de cativo nas ilhas, em pleno desenraizamento territorial e cultural, terá por seu lado despertado as tendências musicais, sustentando expressões e carga humana no contexto das condições desumanizantes da própria escravatura. Deí que presumivelmente a própria condição escrava inspirasse ou sustivesse, pelo menos, motivos donde uma certa catarse pela música não estivesse ausente. O mais normal porém é que os escravos se agarrassem sobrevivencialmente àquilo que, de musical, eram portadores, consistindo em tradições, ritmos e cânticos provenientes dos vários pontos dos "Rios da Guiné".

6 - Por outro lado, será que o colonizador desembarcou nas ilhas musicalmente desprevenido, quando na Europa imperava o trovadorismo? Difícil de acreditar e aceitar. Resta que, para a identificação e caracterização da música tanto do escravo como do colono, se proceda a investigações competentes. Mas para o côlego necessariamente reduzido deste trabalho, aqui e agora, contentemo-nos com o facto quando ele for histórico e conhecido e, noutros casos, com a ilação lógica escudada pela antropologia cultural comparada.

7 - Encontraram-se portanto colonizador e colonizado no séc. XV, cada um portador dos seus usos, costumes e cultura musical, destinados a situarem-se em presença e, mais que a coexistir, destinados talvez a um inter-influxo, cujos contornos por agora nos escapam.

- 8 - Que géneros e expressões musicais terá trazido o escravo?
 Que géneros e expressões musicais terá trazido o colono?
 Como é que eles se comportaram em presença?
 Que géneros e expressões musicais terão brotado da miscigenação rática e do hibridismo genético e cultural do novo ente, o cabo-verdiano?
 Que evolução terão sofrido esses géneros já nos primórdios e no processo histórico-cultural dos séculos subsequentes?

Questões sobre as quais não se pode responder de ânimo leve, sem estar-se habilitado e sem as competentes investigações.

Provável porém é que géneros como o batuque e o tabanca, dadas a sua métrica sonora e a sua configuração modal, dados a carga e

o tipo de expressão que encerram, preches de reminiscências africanas, cedo terão entrado em Cabo Verde, nos primórdios ou pelo menos nos primeiros tempos das levas de escravos, não necessariamente na forma que actualmente mantêm, mas certamente portadores dos principais parâmetros constitutivos e formais em que assenta a forma actual.

A finação, pelos seus traços, deverá ser portadora de marcas africanas.

A morna e a coladeira apareceriam bem mais tarde, aquela na segunda metade do séc. XIX (4), esta no início do séc. XX, nas primeiras décadas ou mesmo anterior à morna, como querem alguns.

9 - A partir da miscigenação, nascem os cabo-verdianos. A própria escravatura, base da estrutura social e económica, ter-lhes-á facultado novos contactos já com o Continente Africano, já com as Américas e com o Reino. Assim, o "feeling" musical da geração inicial a que genéticamente e com propriedade poderemos chamar cabo-verdianos, terá já a ver cedo, tanto com as raízes africanas, como com as influências do Reino, como ainda com a abertura a outros quadrantes culturais, sob o signo da escravatura, é certo, mas quadro esse suficiente para ditar nos séculos seguintes o caldeamento e o sincretismo desta civilização no meio do Atlântico, onde o elemento musical é uma curiosa componente. Na abertura ao mundo, Cabo Verde foi influenciado por ritmos e géneros das várias latitudes; e inclusivamente danças de cortes europeias tiveram aqui guarida e assentaram escampamento, como por exemplo o landu, a contradança e outras.

10 - No esforço de mergulho no nosso passado musical, difícil se torna fazer de cada século uma unidade cronológica estanque. Todavia, aceite-se uma relativa nebulosidade musical sobre os séc. XV e XVI, onde só é possível, por agora, percebermos a realidade da música nos contornos gerais da dedução. Se nessa época estava em gestação a caboverdianidade, num original processo ilhéu, a música estaria certamente presente, nos limites, conditionalismos e expressões próprios da época.

É comumente aceite que no séc. XVII, com a preponderância social do mestiço (mestiçagem aqui entendida mais como hibridismo cultural do que como o resultado da pigmentação cutânea) estavam já

(4) FÉLIX MONTEIRO, em entrevista à Voz da América, em 5-9-1985

delineados os contornos da nacionalidade cabo-verdiana, esta entendida por sua vez como o substrato e lastro de consciência, cultura, língua formada, organização social. No séc. XVIII esses contornos achar-se-iam já definidos (5).

Tenha-se na devida conta a asserção do Pe. António Vieira que, em 1652, referindo-se aos clérigos nativos, entre outras qualidades reconhece neles o serem " [] tão grandes músicos que podem fazer inveja aos que lá vemos nas nossas Catedrais "(6). Tratar-se-á nessa asserção, de música religiosa europeia, coro de cariz europeu seria a formação do clero local. Nada nos é dito sobre a música profana, nem tão pouco sobre suas características estilísticas e estéticas. Por certo, não será barbárie dizer-se que ela existiria, conquanto não possamos seguramente caracterizá-la. Se existiria seja nos géneros de reminiscência africana, seja num fieri sincretista de sedimentação do caldeamento, reflectindo progressivamente a moldura e o perfil do cabo-verdiano.

Sempre um pouco deductivamente e sem a necessária investigação por agora, eu aceitaria a fisionomia musical dos séc. XVII, XVIII e parte do XIX, em resumo, como:

- a) talvez contendo o aprimoramento das melopeias na sua trajectória versus melodia, e simultaneamente melodias já definidas;
- b) o uso do crioulo como sustentáculo poético das músicas;
- c) música contendo significado humano, num contexto escravocrata, aglutinando o sentir escravo;
- d) música como necessidade íntima e social, como sobrevivência cultural e espiritual nas ilhas então habitadas, subsistindo seja nos géneros trazidos da África seja no caldeamento do sincretismo cultural que esses séculos operaram nas ilhas, caldeamento esse em que os contactos com o mundo e o próprio início da emigração terão uma palavra.

11 - Um marco de relevante importância reside de facto no séc. XIX. A emigração é já um facto comum. O cabo-verdiano está certamente mais maduro como etnia, cultura e percepção de si mesmo e do mundo. Assiste-se à abolição oficial da escravatura, conquanto se perpetuem comportamentos escravocratas. Na música erudita europeia reina o romantismo, facto que não deve ser sem significado para a génese da tonalidade normística.

(5) DANIEL MOREIRA, Condicionais históricos-culturais da formação da nação cabo-verdiana (não publicado)

Surge a morna, na segunda metade do séc. XIX (7) . Paltan-nos exemplares desse gênero que pudessem elucidar sobre o conteúdo ideográfico, estilístico-musical, o seu reso e significado humano nos primeiros tempos e nos conduzissem à sua caracterização. Contudo, o séc. XIX é prelúdio de tempos novos e fecundos. Nasce Eugénio Tavares em 1867 (1867-1931).

12 - É sem dúvida ao séc. XX que pertencerá o "boom" da música cabo-verdiana, balbuciante nas duas primeiras décadas, mas significativa e arrojada do 3º decénio a esta parte. Este século surge fértil de tantos gloriosos protagonistas, citam-se nomes como Eugénio Tavares, B. Lazo, Luis Rendall, Jorge Monteiro, Lala Maninha, Gregório Gonçalves, Djidjunga, Manuel d'Novas, Ano Novo, Norberto Tavares, Kiki Lima, Intero Lima (perdoem-me tantos outros músicos, filhos e vozes desta terra, que não cabe aqui citar, por razão de espaço). Por endogeneidade de inspirações e de temas proporcionados pelos momentos em que eles viveram, por influência principalmente brasileira, pelo sincretismo de que eles são filhos, os músicos cabo-verdianos, através de gerações e em gêneros musicais próprios ou aculturados, fizeram do séc. XX o século da explosão da música cabo-verdiana.

13 - Não é intento deste trabalho girar a história da música cabo-verdiana. Mas valerá talvez a pena percorrer, surtariamente que seja, alguns marcos do século, em que a música nesta terra tanto conseguiu uma sedimentação temática e formal, quanto alcançou um mais significativo embrenhamento na realidade do cabo-verdiano, quanto ainda conseguiu uma maior consciência crítica à volta do próprio fenómeno musical.

Tomemos por primeira baliza Eugénio Tavares. O imortal poeta braverse lançou a Cabo Verde a perenidade dos seus temas líricos nas mornas, que exprimem a quinta essência e a fina flor daquilo que, de mais delicado, sublime e vigoroso contém a alma cabo-verdiana. Esse precursor lançou bases poéticas - por outrém musicadas - onde fácil se torna perceber o sentimento e a vivência do cabo-verdiano, nas suas manifestações de dor, saudade, amor, apego à Terra-Mãe.

Eugénio Tavares é também o autor da morna Fora di bai, onde o filho das ilhas se confronta com o drama da emigração e se debate ante o dilema tão existencial e caracteristicamente cabo-verdiano

(7) FÁLIX MONTIHO, em entrevista à Voz da América, em 5-9-1985.

de querer ficar mas ter que partir. Eugénio é precursor no género mornístico, na estética, formalidade, ideografia e alma da morna, moldando um sentir colectivo, inaugurando uma época. Eugénio é precursor, entenda-se, não por ser o criador ou inventor da morna mas sim por constituir um marco da ascensão da morna à categoria expressiva de que ela é credora.

Tomemos ainda por segunda baliza Francisco Xavier da Cruz, B. Leza (1905-1957), cujo período de produção coincide em grande parte com a época do Movimento Claridoão. Este génio colhe o sentir cabo-verdiano como um perfil particularmente maduro para a realidade tão primária, tão última e tão pluri-disciplinar da existência - o Amor - e confere-lhe expoentes do mais requintado lirismo. O amor cantado certamente amortecerá o choque da existência atribulada do cabo-verdiano e conferir-lhe-á lenitivo para a catarse da vida e para a sobrevivência. B. Leza brinda-nos com um quotidiano informado pela poesia e pelo enlevo salutar do amor, em peças buriladas por um dos mais acrisolados espíritos que Cabo Verde terá produzido. À semelhança da Jua da sua morna Eclipse, o conjunto da produção de B. Leza derrama suavidade, esplendor e bálsamo sobre a existência "nhanida" e por vezes desesperada do cabo-verdiano.

Eugénio Tavares e B. Leza, filhos da sua época e os amados de todos os tempos, constituem dois marcos, situam-se no tempo, na importância e na influência como dois soleres pórticos através dos quais se entra na alma lírica cabo-verdiana e marcam gerações. Depois deles, dificilmente poderá falar-se em evolução significativa na morna lírica, género em que os novos valores emergentes têm apenas perpetuado - numa linguagem por vezes mais actual - as orientações de estilo e ideário dos dois pórticos de entrada. Os dois, em primeira linha, guindaram a morna aos píncaros gloriosos de canção nacional por antonomásia, qual companheira fiel das horas certas e incertas, "uma espécie de irnã", diria Gabriel Mariano (8), que tanto se canta na fartura como na carestia e que, embora adquirindo cores locais em cada ilha, é de facto a canção nacional.

Se B. Leza pontifica nas décadas de 30, 40 e mesmo 50, essas décadas e as subsequentes produziram sem dúvida uma pleiade de músicos, mais eruditos uns, mais populares outros, numa notável floreação musical, todos confluindo para constituir o formidável acervo musical de Cabo Verde e legar à colectividade um espólio rico e

(8) GABRIEL MARIANO, A Morna, expressão da alma de um povo, in Boletim Cabo Verde, nº ano

diferenciado, trate-se da rorpa, da coledera, do batuque, do funaná. Menção explícita de reconhecimento a cada músico não cabe nestes acessos momentos consagrados a um rápido bosquejo, pelo que o nosso preito de homenagem estende-se a quantos, reconhecida ou anônimo, exprimiram e caracterizaram pela música e alma cabo-verdiana em todos os seus arplexos e vicissitudes.

Lo longo das décadas de 30, 40, 50, 60 e 70 não faltaram composições evocando temas proibidos como a fome, a seca, a emigração, a denúncia do contrato para as plantações de Ingols e . Porém, a vida e os problemas sociais, o desespero e a esperança, a consciência de Cabo Verde, a revolta, e principalmente o amor em todos os seus matizes. Diria até, a música fircou sobre-naveira os pés na realidade da terra, em paralelismo terapêutico com o Movimento Claridoso.

Se a discografia, em muito reduzida escala, existiu ao longo das décadas, pertence às de 60 e 70 o surgimento e a plena actuação do Conjunto "Voz de Cabo Verde" que, actuando na emigração e conseguindo um notável "feed-back" no interior de Cabo Verde, fez época, consagrou um estilo, investigou e divulgou um importante repertório. Na esteira desse memorável Conjunto, muitos outros, com novos recursos técnicos, prestam serviço à música cabo-verdiana, citem-se dentre tantos, os "Tubarões" e o "Bulinundo".

Nos tempos que precederam imediatamente o fim do fascismo português, a música veiculou as anudas preocupações da época, chegando determinadas composições a apontar para a independência nacional e a constituir autênticas profecias dos tempos novos. A faixa Rorpa Hobu é disso exemplo. Subsequentemente, a música envolve-se no processo revolucionário e extravasa o 25 de Abril de 1974, prolongando-se pela luta independentista no Governo de Transição, lançando mão de ritmos e expressões musicais por vezes à margem do tradicional, como foi o caso da balada (9). A temática do protesto é progressivamente substituída por poemas de conteúdo político e social e canções de circunstância, de consagração e louvor ao então PAIGC.

Notáveis pesquisas são desenvolvidas por grupos como "Volá " e "Tabanca Jazz" em 1974 e 1976, na sondagem de novas expressões estéticas, fruto do embate com recursos modernos e influências do exterior.

(9) OSVALDO OLÍVIO e SÉBASTIÃO GABRIEL, Relance sobre a música e a poesia no processo cultural e revolucionário cabo-verdiano.
(não publicado)

Com a sedimentação do político na sociedade cabo-verdiana entre 1977-1979, as canções de circunstância cedem lugar ao retorno do lirismo tradicional e da coladera brejeira (10).

Nesse período, o funaná estilizado por conjuntos eléctricos, com o "Bulitundo" à testa (não por ser o pioneiro, porque os Tubarões haviam já marcado presença com a faixa Djorsinho Cabral, mas sim aquele que fez vingar o movimento), significou um grande enriquecimento musical e impôs-se paulatinamente no país e para além-fronteiras.

Estes últimos anos são caracterizados pela coexistência dos vários géneros, enriquecendo a ficha artística de Cabo Verde.

Os anos de 1976 a esta parte consagraram aquilo a que poderíamos chamar a "democratização" da música cabo-verdiana, onde independência política, liberdade de expressão e construção nacional constituíram "leitmotiv" seja para o surgimento de obras-primas por autores cujos nomes resistirão ao tempo, seja para o surto de composições mediócras, até maus e sub-produtos, estes logrando apenas o aspecto fantasioso e económico da produção e constituindo focos de rotina e depauperamento.

Assiste-se a usos e abusos da liberdade de expressão musical, e mesmo a uma certa desorientação face à capacidade assimiladora de técnicas e influências exteriores. Neste capítulo, os emigrantes têm sido particularmente expostos e vulneráveis, agindo uns criteriosamente e sem critérios outros, estes últimos instaurando uma certa anarquia e um clima de conflitos conceptuais sobre a identificação e a caracterização, em género e estilo,

- a) daquilo que é genuinamente cabo-verdiano e deve ser cultivado como tal ;
- b) daquilo que não é cabo-verdiano, constituindo antes mera importação ;
- c) daquilo que ter-se-á tornado cabo-verdiano por aculturação e ter-se-á sedimentado no sincretismo que nos caracteriza e que virtualmente estará ainda em curso, num processo continuado.

Em todo o caso, bendita explosão a dos últimos anos, que nos faculta o terreno e o quadro objectivo para o exercício do juízo crítico sobre o valor das produções e sobre o questionável estado actual de coisas.

(10) OSVALDO OSÓRIO e ESTÁTO CARREIRO, *ibidem*.

14 - Deste périplo musical pela existência cabo-verdiano, poderão inferir-se as seguintes conclusões :

- 1^a : Efectivamente, o pendor do ilhéu cabo-verdiano para a música é um facto e tratar-se-á seguramente de um dado permanente desde os primórdios, encarregando-se o devir histórico-cultural de sedimentá-lo seja por desenvolvimento endógeno da expressão do espírito cabo-verdiano nos seus amplexos e vicissitudes, seja por influxos exógenos que, em todo o caso, confluíram para o caldeamento de um sincretismo musical onde de facto o perfil expressivo caracteristicamente cabo-verdiano é o elemento mais relevante, com autonomia cultural e indivisibilidade própria ; neste processo, o fenómeno musical terá tido uma extensão considerável pois, falando ao coração mais do que à intelectualidade, abrangeu certamente o comum do cabo-verdiano e constituiu para a grande maioria, quem sabe ?, quase em exclusividade, o único veículo expressivo das suas emoções e vivências ;
- 2^a : Sem margem para dúvida, Cabo Verde é depositário de um rico espólio musical. Na inbricação do fenómeno sonoro puro com a poesia, oral ou escrita, erudita ou de cariz marcadamente popular, elementos esses redundando nos géneros musicais de Cabo Verde, sim, nessa inbricação encontra-se manancial inesgotável para o conhecimento e para a caracterização do cabo-verdiano, fazendo deste uma realidade humana polifacetada, omnidisciplinar ou pelo menos pluri-disciplinar, onde antropólogos, etnólogos, historiadores, sociólogos, psicólogos, filósofos, filólogos, pedagogos, politólogos, encontrarão matéria para estudo sobre um característico fenómeno ilhéu ;
- 3^a : Música cabo-verdiana, resultante do binómio som + palavra expressa na base linguística do crioulo, acrisolou o sentimento de pertença às ilhas, favoreceu a comunicação, constituiu e

constitui um dos mais sólidos indicadores e pilares da base nacional e da caboverdianidade, já pela singularidade humana e pertinência do conteúdo ideográfico que ela veiculou, já pelo comportamento coreográfico que ela sugeriu na dança ;

4ª : Essencialmente, a música cabo-verdiana terá conseguido, como significação maior da sua expressão contentutística, humana e telúrica, a glorificação da epopeia humana no estoicismo das ilhas onde, no dizer laudador de Manuel Lopes citando Júlio Monteiro Júnior, nos "planos" da natureza "não entrava, ao que parece, a existência humana em Cabo Verde" (11) ;

5ª : O cabo-verdiano soube criar ou fazer seus os géneros e cadências musicais adequados, em tonalidades apropriadas para conseguir expressões que traduzissem o seu estado psíquico, emotivo e espiritual : seja a morna para a preponderância da reflexão de carácter introspectivo, lírico e dramático de conteúdo mais sério, seja a coladera onde lidera a extrospecção lúdica e de correctivo moral e social, seja o batuque onde o bucólico se alia ao lazer e ao convívio social, seja o funaná onde pontifica um não sei quê de descontração, ironia e seriedade, seja o desfile da tabanca onde a trepidação dos espíritos exprime o controle da situação, seja a fadon como necessidade de reflexão espontânea, filosófica e ordenada ;

6ª : Resumindo, a música cabo-verdiana
cantou,
riu,
chorou,
reinterpretou a vida consoante os condiciona-
lismos lho permitiram,
desabafou catàrticamente,

(11) MANUEL LOPES, citando Júlio Monteiro Júnior, na nota introdutória à 2ª edição de Os Flavelados do Vento Leste .

escarneceu,
 corrigiu e educou,
 elevou espiritualmente, sublimou o amor,
 sonhou,
 penetrou o mundo do trabalho,
 veiculou ideias e aspirações sufocadas,
 reflectiu sobre o quadro existencial,
 patentecou a religiosidade,
 denunciou atropelos e situações,
 profetizou a liberdade e o progresso,
 saudou a nova aurora da formação do Estado de
 Cabo Verde,
 envolveu-se revolucionariamente no processo político,
 colabora hoje para a construção de um país :
 TUDO ISTO, NO QUADRO DE UMA QUERIDA SENSIBILIDADE
 ISLENA, FAZENDO CULTURA E MEMÓRIA COLECTIVA.

15 - A vertente musical do devir histórico musical cabo-
 -verdiano chegou a um estágio marcante de evolução, que nos é
 dado viver no ano de graça de 1986. Qualquer que seja o índice
 de satisfação, menos satisfação ou até insatisfação que provoque
 em nós a percepção da nossa realidade musical quando considerada
 num relance retrospectivo crítico, esse sentimento deverá abrir-
 -se a um outro, não menos importante, o da construção do futuro,
 ou seja, encarar positiva e frontalmente a questão fundamental
 de como garantir que no futuro a música adquira cada vez maior
 expressão e significado.

III PARTE

A PROSPECÇÃO DO FUTURO

16 - Se não incorro em gratuidade, ouso sustentar que, dada a nova consciência e percepção que hoje temos de nós mesmos, necessário e possível se torna que, no futuro, a acutilância do espírito cabo-verdiano preceda e oriente o acontecimento musical, assumindo desde já atitudes comportamentais face ao devir. Parto do pressuposto de que se navega numa matéria orientável, onde a consciência reflexiva e a concepção antropológica da cultura deverão interagir para criar uma praxie musical consequente, generalizada, progressiva na qualidade, acessível a todos, com a participação de todos, congregando a todos, com peso humano equivalente à capacidade das ilhas de aguentar o choque da vida, equacionar o presente e inventar o futuro.

Competirá aos cabo-verdianos garantir que, na dinamização cultural que se augura, seja o capítulo da música integrado no colectivo das acções e colocado no seu devido pedestal, auferindo de um real estatuto. Sobretudo quando se trate de Jovens, ter-se-á presente que o futuro das gerações musicais pertence a quem souber insuflar a essas gerações musicais motivos e razões sólidas de acreditar, viver e fazer da música uma efectiva componente do projecto de felicidade humana. Mais do que relegá-la por conservinte para horas de porta da emoção política, mais do que prostergerá-la para a condição de enchimento exótico em certas sessões culturais, haverá que dignificá-la, definindo-se um corpo de acções adequadas que abranjam desde o quadro institucional próprio até às acções de terreno, consentâneas com objectivos definidos. Em concreto, algumas das acções poderão consistir, por exemplo, na salvaguarda do património e sua divulgação judiciosa, na condução dos ânimos ao saboreio e à interiorização da sua música, na criação de condições físicas e materiais, na incentivação da aprendizagem científica da música, no estabelecimento e na observância da conexão entre praxie musical e a elevação do nível cultural em geral, na vinculação da música aos programas desenvolvimentistas, reinvestindo-a ali. Ter-se-á ainda em conta que a música cabo-verdiana está, tal qual a cultura cabo-verdiana, vocacionada ao confronto com realidades de outros quadrantes.

17 - Possivelmente em paralelismo com o que se passa no próprio movimento literário cabo-verdiano, o momento musical actual é de algum modo caracterizado por um hiato interrogador sobre que futuro para a música cabo-verdiana. A resposta mais uma vez incumbe aos cabo-verdianos que, da sua própria experiência comum, elaborarão leituras diferentes e endógenamente refundidas, destilando, recriando e reinterpretando o pensamento musical. Aqui, torna-se grave a responsabilidade de quantos lidam com a música, cabendo-lhes servir tão nobre causa e jamais servir-se dela para objectivos menores. As relações do músico para com o seu povo obedecem a rigor e a ética.

18 - A participação na vida cultural do País e especificamente na vida musical, tem ainda uma correlação necessária com a aplicação efectiva e correcta da justiça distributiva. Sociedades como a nossa têm necessidade de uma permanente radioscopia nessa matéria, não aconteça que subrepticiamente, insensivelmente, fique entorpecida a consciência à volta da justiça social, coisa que, a acontecer, prejudicaria fatalmente a participação. Com efeito, seja dito sem rebuços, nas sensibilidades e tempos hodiernos, a participação musical ficará afectada se o bolo social não for bem dividido, se os cidadãos se interrogarem com angústia e sem resposta sobre o futuro dos seus filhos, se novos fossos sociais se cavarem, não haverá participação se cultura e música, em vez de libertadoras, alimentarem e animarem exóticos saraus culturais, orientando-se de preferência para o estabelecimento ou a perpetuação do sobrado e do quintal, onde perigosamente se "cultiva" o quintal para a distração do sobrado ...

Longe de ser incrementada apenas por chavões de cariz político, a dinamização musical carece dos necessários enfoques: ela fará com que a música, como no passado, tenha de intervir em todos os parâmetros da vida cabo-verdiana e constitua de facto uma vivência ou uma convivência omnipresente, omnidisciplinar e omniinterviente. Caracterizar-se-á como música viva e concreta para homens vivos e concretos, como música viva e concreta para realidade sócio-comunitária viva e concreta, e ainda como música viva e concreta para projecto social vivo e concreto. Ela consociará, numa perspectiva de orientação futurista, a ciência do fenómeno sonoro e a argumentação fornecida pelos subsídios da literatura e das ciências humanas e sociais, reforçando a identidade, reflectindo e ajudando a criar uma condição humana exemplar,

marcada pela ordem social, pela alegria de viver, pela saúde mental e espiritual, pela felicidade existencial, numa palavra. Em resumo, os cabo-verdianos velarão pela (re)inserção orgânica da música tanto nas estruturas superiores do seu pensamento como no seu posicionamento quotidiano de facto, no palco da história, onde a música será inclusivamente um dos vectores da consciência crítica do reordenamento político e social.

10 - Música é essencialmente expressão, comunicação e comunhão. Constitui uma energia que se deve propagar. Quanto mais amantes e praticantes ela tiver, de melhor higiene e saúde mental e social gozar-se-á e, a fortiori, a própria arte beneficiará.

Música é sem dúvida um dos mais poderosos esteios da unidade cabo-verdiana, antecedendo cronologicamente a própria unidade política, que ela ajudou a sedimentar e dela continua a ser tributária na perspectiva do crescimento da consciência nacional.

Democratização da música significará, em primeira mão, devolver aos cidadãos, às massas, aquilo que lhes pertence, seja o seu património musical, sejam as oportunidades musicais de música para todos, com opção e determinação, sem resvalar no populismo, congraçando educação para o tempo livre com exigências de conteúdo enriquecedor, ético e estético.

A música nasce no espírito. É realizando-se a esse nível e informando a realidade toda que ela, no nosso caso concreto, tornar-se-á musicalidade comprometida com a humanização do próprio homem, com significado e consequências felizes, proporcionando daí a correlativa fruição estética, espalhando felicidade e paz consequentes.

Praia, Outubro de 1986

E. LINA DA CRUZ